

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Povo
Data: 15.04.84

Class.: XV 07 343
Pg.: _____

Juruna em Bonn

190

Geraldo Moser

BONN — Em fins de março começaram a aparecer em jornais brasileiros as primeiras notícias sobre as comemorações do próximo dia 19 de abril, o Dia do Índio - em publicações alemãs, também. Era, portanto, óbvio que eu saísse por aí a ver uma documentação adequada para uma avaliação mais objetiva dessa problemática do índio brasileiro. Uma das fontes mais indicadas para tais casos é, entre outras, a Biblioteca Municipal de Bonn, onde encontrei no seu acervo bastante rico interessante depoimento de Mário Juruna, ao tempo em que ele ainda não era deputado federal, nem falava coisas inoportunas e até ofensivas à honradez do presidente e de ministros. Mário Juruna era então cacique xavante, tinha 37 anos, morava e mandava em Namocurá, em Couto Magalhães, no Estado do Mato Grosso. Armado com um gravador, Juruna veio do Rio das Mortes a Brasília para apresentar, no melhor estilo praticado pelos governadores ao presidente da República as justas e inadiáveis reivindicações do seu povo, constituído de 130 índios: 6 caixas de sabonete, 6 caixas de sabão de lavar roupa, 25 pares de sapatos, 3 cobertores de lã e munição para espingarda de caça. Tudo arrolado na página 38 do livro "Die indianische Verweigerung" (Editora Rororo). Durante uma semana inteira, Juruna lutou para ser recebido pelas autoridades competentes - tudo em vão. "A hierarquia, a burocracia, ou a simples indiferença eram mais fortes". As andanças de Juruna de salas de espera, as desculpas esfarrapadas que lhe eram dadas pelos oficiais de gabinete eram gravadas, implacavelmente. Como até a paciência de cristão tem lá seu limite, o índio Juruna sentiu-se frustrado, entregou toda a gravação à imprensa. O vasto material então divulgado provocou uma indignação popular no Brasil, e culminou na demissão de Francelisio van der Broock, um diretor da Funai. Em forma de documentação, esse material está à disposição também em Bonn a qualquer interessado.

Já a "Ila-info", uma publicação especializada em assuntos e problemas latino-americanos, editada em Bonn, publica matéria bem mais científica sobre o índio brasileiro do que as romancescas andanças de Juruna pelas repartições de Brasília.

Os cerca de 200 mil índios que sobreviveram até agora de uns 5 milhões da população primitiva no Brasil, todos reunidos haveriam de lotar o Maracanã, sem necessidade de um único índio ficar de fora. Eles representam apenas 0,18 por cento da população brasileira, explicando-se daí por que tão pouca gente no Brasil viu, de fato, um índio de verdade. E, se o viu, não foi por certo um índio na sua nudez paradisíaca, com plumagem colorida, de arco e flecha. Cada vez mais o índio é considerado um homem doente, maltrapilho, viciado na bebida ou na droga, indolente e desesperançado - é, portanto, desconsiderado como gente, e com todos os sintomas da civilização. Esses índios vegetam hoje por si, "divididos em 150 grupos, falando cerca de 170 línguas. (os guaranis, a exemplo de outros povos indígenas, têm duas línguas diferentes) muitas ainda desconhecidas pelo homem branco".

Mediante a integração forçada no "estado nacional", este homem branco pretende tirar do índio o "seu complexo de inferioridade"; ele deve ser "um brasileiro, como nós". Mas, hoje o "estado nacional", da mesma forma como antigamente a metrópole, mantém o controle político, militar, cultural e ideológico sobre os povos indígenas - colocando-os sob tutela. Acontece que o "tutor" continua praticando um "colonialismo interno", suprimindo sistematicamente, em nome do "milagre brasileiro" as características étnicas, apossando-se do seu habitat, confinando-os em "reservados" e ditando os seus povos até a erradicação total. No momento, são ainda apenas uns 200 mil índios, segundo a Funai.

Grandes projetos, todos de 1970 para cá, como a Transamazônica, que dizimou quase toda a população dos Parakanã, a hidrelétrica de Tucuruí, no Tocantins, o projeto de Carajás - do qual o Banco Mundial é um dos principais financiadores nesta fase de inadimplemento do Brasil, todos projetos que até agora só trouxeram desgraça, destruição e morte ao índio, e mais inflação, pobreza e miséria ao povo brasileiro, são mencionados ou em jornais brasileiros ou publicações alemãs neste contexto do índio. Poucas vezes verifiquei tanta coincidência de pontos de vista na apreciação de um mesmo problema nosso. E assim se pressente a vergonha e até tristeza que "o país terá pouco para festejar no Dia do Índio".